

Apresentação

José Carlos Rodrigues

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, JC. Apresentação. In: *O corpo na história* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. Antropologia e saúde collection, pp. 11-14. ISBN: 978-85-7541-555-9. Available from: doi: [10.7476/9788575415559](https://doi.org/10.7476/9788575415559). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/p9949/epub/rodrigues-9788575415559.epub>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Apresentação

Aqui estão os resultados parciais de um estudo que venho desenvolvendo há alguns anos, tendo inicialmente por objeto as representações sociais do corpo e da morte. Agora, ainda nas trilhas desta problemática, proponho percorrer algumas das inesgotáveis formas de (in)sensibilidade na cultura ocidental – contatos corporais, suportabilidade de odores, rumores, sabores... Digo que estes resultados são parciais porque fico convencido, a cada passo da pesquisa, que mais venho aprendendo sobre minhas lacunas de conhecimento do que obtendo satisfação com o que penso ter aprendido.

Apesar disso, pude reunir uma quantidade não desprezível de informações, sobre as quais foi possível formular algumas poucas idéias. Entre essas informações, uma parcela ponderável provém de pesquisas de historiadores, sob a forma de variados estudos acerca de temas específicos e localizados, relativos ao corpo: hábitos de *toilette*, representações da morte, odores, pudores, horrores... Tais estudos históricos correspondem, em geral, à orientação que receberam de Marc Bloch no seu clássico *A Sociedade Feudal* (1968): “Uma história verdadeiramente digna desse nome, mais que as tímidas tentativas a que nos obrigam hoje os meios postos à nossa disposição, dará às questões do corpo o espaço que elas merecem”.

Sendo antropólogo, tentei ser um aprendiz desses historiadores. Ao mesmo tempo, procurei transbordar a especificidade temática das pesquisas localizadas que estes realizam. Arrisquei-me, aqui e ali, a esboçar um quadro amplo e genérico, em que as pesquisas históricas singulares poderiam receber um tratamento globalizante em termos de cultura.

Esta dimensão generalizadora não se limitou a situar os dados que os historiadores nos fornecem, mostrando o que significam no âmbito de um sistema de relações sociais específico, a sociedade ocidental moderna. Este transbordamento se esforçou também por colocar em evidência algo do que penso ter sido possível aprender com os ensinamentos sobre concepções corporais que continuamente nos oferecem os povos e os tempos, dos quais os antropólogos sempre puderam extrair verdadeiros tesouros.

Reconheço que, na aventura que convido o leitor a compartilhar, corro seriamente o risco de desagradar a ambos. Ao historiador, pelo que lhe pode pare-

cer falta de rigor com a cronologia, desatenção ao detalhe e generalização precipitada. Ao antropólogo, possivelmente, por trabalhar com material de segunda mão, por aparentemente cultivar divindades que não são as oficiais da tribo e por apresentar um trabalho de gabinete, não de campo.

Entretanto, foi conscientemente que resolvi passar por estes perigos. Julguei necessária a organização do presente estágio de meu trabalho de pesquisa. Esta tarefa, em grande medida, requeria a elaboração de um texto em que eu fizesse o exercício de articular algumas informações e algumas idéias desse setor/estágio de meus estudos, assim como a submissão de meus dados e pensamentos ao crivo de um público mais extenso e, talvez, mais exigente. Isto por um lado.

Por outro, os riscos a que resolvi me expor correspondem a ossos mais ou menos inevitáveis do ofício intelectual. Se a diferença entre as ciências é de ponto de vista, e não de objeto empírico, freqüentemente se é obrigado a passar pelo constrangimento de abordar temáticas que poderiam pretensamente ‘pertencer’ ao feudo de outra disciplina. Quase sempre, nestes casos, procura-se reduzir o acanhamento, decorrente desta invasão de domicílio, recorrendo-se à justificativa de se estar realizando um estudo inter, multi ou transdisciplinar, buscando-se quase magicamente uma prévia absolvição, unindo-se com o argumento bem comportado da colaboração entre disciplinas. Em decorrência, estas continuam, como sempre, essencialmente separadas, como se as tradicionais fronteiras disciplinares fossem petreamente inalteráveis. Não concordo muito que as coisas devam ser assim.

Embora reconheça que, em planos específicos, durante as últimas três ou quatro décadas, um diálogo muito rico entre a antropologia e a história nos tenha brindado com resultados extraordinários, não acredito que tenham sido os méritos da inter, trans ou multidisciplinaridade o que de mais precioso se pôde retirar desta experiência. Penso que seja exatamente a *indisciplinaridade* o ensinamento maior que se deve usufruir de diálogos deste tipo e mesmo de enfrentamentos entre disciplinas diversas: irreverência contra a propriedade privada de campos teóricos e empíricos; insolência contra a canonização de métodos.

Não me parece, absolutamente, que as lições contidas em obras como as de Georges Bataille, Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault, Edgar Morin, Gilles Deleuze, Jean Baudrillard, entre tantos outros, possam ser acomodadas nos escaninhos desta ou daquela disciplina específica. Muito menos concordo que sejam inter, multi ou trans qualquer coisa. Fazendo um jogo irônico com as palavras de Lévi-Strauss, embora seguindo seu exemplo, diria, aos que vierem me cobrar um trabalho disciplinar de antropólogo, que a antropologia também “leva a tudo, com a condição de se sair dela”.

É muito importante para mim deixar registrados alguns agradecimentos. Ao departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, ao qual



uma versão inicial deste trabalho foi apresentada como tese em um concurso público para professor titular. Na ocasião da apresentação acadêmica deste trabalho, tive a honra de ser examinado pelos professores Luiz de Castro Farias, Roberto DaMatta, Roberto Cardoso de Oliveira, João Baptista Borges Pereira e Sylvio Coelho dos Santos. Destes examinadores, auferi comentários que me sugeriram algumas pequenas modificações, ao mesmo tempo que me encorajaram à publicação. Sou-lhes agradecido pelo que me ofereceram de boa-fé.

Em virtude da circunstância acadêmica de sua origem, o leitor poderá encontrar nas páginas seguintes uma argumentação e uma linguagem capazes de interessar também ao não-especialista. Isto acontece porque penso que uma tese para professor titular no campo das ciências sociais deva ser um exercício intelectual que demonstre a habilidade de seu autor para interligar pesquisa, ensino e extensão, funções primordiais da universidade. Tal capacidade se deve manifestar principalmente por sua abertura pessoal, assim como a de seu campo acadêmico, à curiosidade de outros.

Por estas razões, procuro neste livro bem mais do que organizar para mim e para meus colegas (antropólogos e pesquisadores especializados em temas como representações do corpo e da morte, mentalidades e sensibilidades corporais) um material segmentar, relativo a assuntos sobre os quais venho trabalhando há mais de vinte anos, pelo menos desde a preparação de minha dissertação de mestrado, entre 1971 e 1974, que resultou na publicação de meu primeiro livro, *Tabu do Corpo* (1979). Tenho também a ambição de fazê-lo interessante e de dirigi-lo a um público amplo. Esquemmatizando as coisas (e, de certo modo, exagerando-as bastante), mais do que afirmar verdades – idealmente tarefa do cientista – preferiria por meio deste trabalho suscitar idéias – por excelência missão do professor.

Sou grato igualmente ao departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pois, a exemplo do primeiro, nele também pude encontrar as condições que propiciaram a realização de mais este trabalho, apesar de todas as dificuldades que sabemos fazer parte de nosso cotidiano universitário. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que me tem apoiado durante praticamente toda a carreira como pesquisador e professor, concedendo-me seguidamente bolsas de aperfeiçoamento, mestrado, doutorado no exterior, pesquisa especial e produtividade científica. Com muita frequência, este suporte incentivou também meus alunos e ex-alunos, alguns dos quais são hoje brilhantes professores e pesquisadores.

Agradeço a Ivone Barros, que transcreveu fitas e fichou livros, muitas vezes trabalhando até alta madrugada, ajudando-me em atividades indispensáveis para o bom andamento do que Wright Mills chamava de "artesanato intelectual", tarefas que, em face de meus presentes compromissos profissionais, são-me praticamente impossíveis de realizar pessoalmente. Expresso gratidão a meus alunos, dos quais muitos, tendo assistido a cursos em que expus parte do material e

das idéias aqui contidos, incentivaram-me a dar-lhes forma escrita. Deles se poderá sentir a influência a cada linha, como resposta a suas perguntas, dúvidas, silêncios, opacidade ou cintilância de olhares – esses olhares que são como verdadeira bússola para o professor.

A meus amigos, que souberam compreender as muitas e prolongadas ausências que este trabalho exigiu. Entre estes, sou especialmente grato a Marcio Goldman pelo socorro que sempre me pôde prestar nas minhas quase incontornáveis dificuldades de lidar com computadores, sem falar da solidariedade fraternal e da troca intelectual nas conversas que em certos momentos foram cotidianas. Quero também lembrar Mônica, Marisa, Márcia, Monique, Mário, Myres... para, diplomaticamente, entre tantos e tantos amigos, mencionar explicitamente apenas alguns daqueles cujos nomes o destino quis que tivessem essa mesma inicial.

Agradeço também a minha mãe e a meus irmãos, que aceitaram minha inconstância durante a realização deste trabalho, mesmo sem entender muito bem o porquê ou o para quê dela. Também a meu pai, que faleceu quando eu estava absorvido, trabalhando. Quero agradecer sobretudo à minha filha, Aline, desculpando-me imensamente pela aparente distância a que a solidão deste estudo tantas vezes me obrigou.